

**“[...] o homem é o Deus do homem” e a Morte de Deus:
Considerações Acerca do Ateísmo de Feuerbach e Nietzsche**

**“[...] the man is the God of the man” and the Death of God:
considerations about the atheism of Feuerbach and Nietzsche**

Wesley de Jesus Barbosa

Licenciado em História e Bacharel em Psicologia pela UFES. Mestre em Filosofia (PPGFIL-UFES). Doutorando em Filosofia (PPGFIL-UFES) e doutorando em Psicologia (PPGP-UFF).

RESUMO

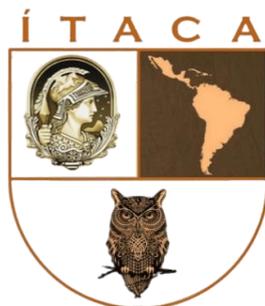
O ateísmo de Feuerbach reconsidera Deus, não como substância absoluta, mas como projeção do homem num fora como objeto da razão. Mas este objeto da razão não passa de sujeito, enquanto desejante de um objeto faltoso, ou seja, quando o sujeito inventa Deus, o faz a forma, medida e semelhança de si mesmo, como a tamponar toda falta que lhe subjaz e lhe toma de dor e sofrimento. Já Nietzsche ao anunciar a morte de Deus denuncia o niilismo e a vontade de nada de uma cultura ocidental forjada no judaísmo cristianismo. Tal empreitada teológico filosófica arrebanhou o homem fazendo de sua vontade de poder um ensejo da decadência. Ao desmontar os alicerces mais rígidos da tradição, Nietzsche devolve ao homem a sua força criativa e ativa, recuperando sua alegria, apesar da condição trágica da vida.

PALAVRAS-CHAVE

Deus; Morte de Deus; Ateísmo; Humanismo; Cristianismo.

ABSTRACT

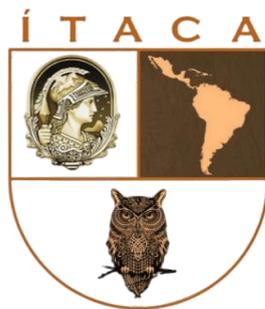
Feuerbach's atheism reconsiders God, not as an absolute substance, but as a projection of man into an outside as an object of reason. But this object of reason is nothing more than a subject, as a desirer of a faulty object, that is, when the subject invents God, he makes it the form, measure and similarity of himself, as if to buffer all the lack that underlies him and takes away from him. pain and suffering. Nietzsche, when announcing the death of God, denounces the nihilism and the will to nothing of a Western culture forged in Judaism and Christianity. Such a theological-philosophical undertaking engulfed man, making his will to power an opportunity for decadence. By dismantling



the most rigid foundations of tradition, Nietzsche returns man to his creative and active strength, recovering his joy, despite the tragic condition of life.

KEYWORDS

God; Death of God; Atheism; Humanism; Christianity.



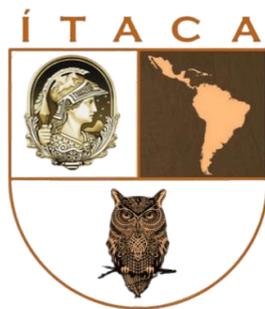
INTRODUÇÃO

O grande marco da destruição do monopólio hermenêutico do cristianismo eclesiástico deu-se bem cedo, já com Jean Meslier no prelúdio das Luzes. O movimento intelectual francês da Ilustração, representou outro expoente importante no combate ao clericalismo e sua ortodoxia dogmática e violenta. Mas Feuerbach e Nietzsche, talvez, tenham marcado mais profundamente esta crítica à tradição romana católica e, mesmo, luterana. Isto porque Nietzsche, ao anunciar a morte de Deus, promoveu um ataque não só a ortodoxia cristã, mas também a toda edificação do mundo a partir da metafísica, esta, como estruturadora significativa de um mundo, sem qualquer significado pronto e definitivo, a que se pudesse apegar. Com a morte de Deus, todos os ídolos caíram por terra. Sem o progresso, as ciências, a verdade, a razão ordenadora, a essência ou a verdade por trás coisas, todas as convicções supremas afundaram no engodo da profundidade, que não passa de um imenso nada.

Feuerbach, criativamente, inverteu a sentença tradicional judaico-cristã, restaurando o homem de sua humanidade na medida que o elevou às alturas santificadoras do Deus magnânimo. O homem criou Deus a sua imagem e semelhança. A criatura é criadora, o objeto de Deus, o homem, é Deus, logo, sujeito da Criação. Cristo é o exemplo mais digno da humanidade de Deus porque enquanto homem, amou e por sua entrega gratuita, mostrou não a sua divindade, mas a essência disto que é, ou seja, homem. Ou ainda: *A Essência do Cristianismo*.

CONSIDERAÇÕES SOBRE O HUMANISMO DE FEUERBACH

A Essência do Cristianismo, obra capital de Feuerbach, desloca o sentido teológico de Deus para uma interpretação antropológica, ou seja, o homem enquanto sujeito criou um outro, o mais distinto de si, para adorar, mas o objeto de seu amor é ele mesmo. A obra divide-se em dois momentos, uma primeira parte denominada *A essência verdadeira, isto é, antropológica da religião*; e uma



segunda *A essência falsa, isto é, teológica da religião*. Assim, sua tese corrobora um humanismo exaltado, plenificado, divino. Retira o homem da sua perenidade e banalidade para elevá-lo a uma substância divina. A religião, para início de conversa, é uma dimensão da cultura, efetivamente humana. Sabe-se da capacidade de alguns primatas de utilizar instrumentos para as suas finalidades naturais, assim como sua habilidade em transmitir alguns de seus saberes aos filhotes, entretanto, ainda não são conhecidos nenhum animal capaz de criar sistemas complexos de adoração a Deus. “A religião se baseia na diferença essencial entre o homem e o animal – os animais não têm religião” (FEUERBACH, 2007, p. 35). Ora, porque conscientes, os homens sabem da finitude, e por isso também dimensionam a infinitude como objeto de seu amor-próprio. Enquanto mortais, pretendem a imortalidade da alma. Como infelizes almejam a felicidade como a paz redentora. A atribuição de uma morte como um mero fim é pouco para um animal como o homem, pois ele sente dentro de si o infinito como o sopro do inefável, uma fonte de total incompreensibilidade de si, contudo, não completamente estranha a si mesmo, porque lhe é, confusamente, íntima. “Mas a religião é a consciência do infinito; assim, não é e não pode ser nada mais que a consciência que o homem tem da essência não finita, não limitada, mas infinita” (FEUERBACH, 2007, p. 36). Por isso, esse abismo de si não é um nada propulsor, mas a plenipotência de Deus projetada num objeto que nunca deixou de ser o próprio sujeito. Ao criar seus deuses, olhando para o céu, observando fenômenos aparentemente incomuns e extraordinários, quase milagrosos, sentindo a cura se efetivar no seu pedido de oração, nos sacrifícios de animais, nas oblações, o que fez o homem foi louvar, adorar e implorar a si, o milagre de que necessitava, enquanto Deus operador de maravilhas. Pois bem, ao orar, pode o homem se descobrir em Deus (Feuerbach), porém para Nietzsche a constatação de que o objeto de adoração é vazio desloca para o homem o sentido histórico de sua ação. Em ambos, o homem é convidado a exercer o seu poder criador.

O olho que contempla o céu estrelado, que distingue aquela luz que nem ajuda, nem prejudica e que nada tem em comum com a Terra e

215

Rio de Janeiro

ISSN 1679-6799

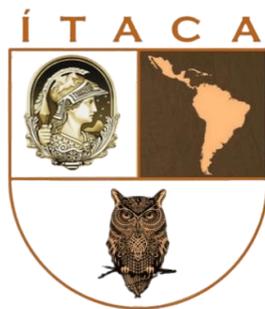


suas necessidades, este olho vê nesta luz a sua própria essência, a sua própria origem. O olho é de natureza celestial (FEUERBACH, 2007, p. 38).

O homem, diante da consciência de seu poder, criou Deus, assertiva difícil de construir sem cairmos nos dualismos. Os dualismos sujeito-objeto, Deus-homem, perdem significado, porque Deus, principalmente o Deus cristão, oferece uma unidade inquebrantável como solução a um interior constituído de uma angústia original e um exterior como o Absoluto Um, aquele como adorador deste. “O ser absoluto, o Deus do Homem é a sua própria essência. O poder do objeto sobre ele é, portanto, o poder da sua própria essência” (FEUERBACH, 2007, p. 38). Se, a teologia sonhou dar ares de racionalidade como a pretender encontrar um substrato lógico capaz de demonstrar os interstícios inteligíveis da indubitabilidade de Deus, o fez como recurso tardio, ou como a endossar aquilo que já está dado, desde o início, como sentimento, paixão e fé.

Por isso, a única coisa que podemos objetivar, declarar como infinita, definir como sua essência, é apenas a natureza do sentimento. Não tens aqui outra definição de Deus a não ser esta: *Deus é o sentimento puro, ilimitado, livre*. Qualquer outro Deus que estabeleceres aqui é um Deus que chega empurrado, vindo de fora de teu sentimento” (FEUERBACH, 2007, p. 42).

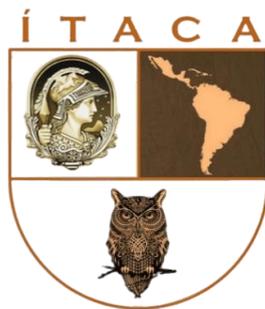
Ao buscar uma razão fundante, pretendem os teólogos conhecer a Deus, para conhecer a si mesmos. A experiência subjetiva da paixão oferece um conteúdo imediato, porém indizível sobre essa natureza de Deus. “A consciência de Deus é a consciência que o homem tem de si mesmo, o conhecimento de Deus o conhecimento que o homem tem de si mesmo” (FEUERBACH, 2007, p. 44). Essa consciência de âmbito racional, mesmo formal, confirma a experiência mágica e prática de unidade, Deus-homem. A manobra semântica que condicionou o pensamento a descrever Deus como Deus, como alguém do homem, no qual este o busca como ancoradouro de seu existir, serve para esconder do adorador aquilo que lhe é mais particular na projeção de sua fé, ou seja, sua adoração a si mesmo. Ora, a esperteza dos sacerdotes, mais uma vez expõe tal hipótese, pois ao pretender esconder do homem a deidade que o constitui enquanto tal, para adestrá-lo segundo



seus interesses políticos e econômicos, acabou por iluminar, mais uma vez, o humanismo como essência de seu cristianismo.

[...] Deus é a intimidade revelada, o pronunciamento do Eu do homem; é uma revelação solene das preciosidades ocultas do homem, a confissão dos seus mais íntimos pensamentos, a manifestação pública dos seus segredos de amor (FEUERBACH, 2007, p. 44).

Primeiro, como manobra de defesa contra o desamparo, o homem outorga a um outro uma estruturação total do universo como a eximir-se de assumir essa força descomunal de si, detentora de todo o sentido orientador. Após, o sacerdote com sua teologia, fortemente alicerçada na filosofia, consubstancia a separação autoritária Deus-homem, legitimando a fraqueza do homem enquanto um ser para o rebanho, no linguajar nietzscheano, no qual a congregação religiosa deve educá-lo para que suas atitudes individuais sejam moralmente dignas da salvação. Mas, no fundo do coração, o homem sabe que todas essas igrejas, com os mais variados nomes e sacerdotes, e suas artes e cânticos, suas fofocas e pecados, e apontadores de dedos como se santos fossem, isentos de qualquer maldade, mas que não passam de hipócritas mentirosos, redirecionam o objeto de amor a um sujeito, num choque com a essência de Deus, que é sua. Como afirma Feuerbach: “O homem transporta primeiramente a sua essência para *fora de si* antes de encontrá-la dentro de si. A sua própria essência é para ele objeto primeiramente como uma outra essência. [...] o homem adorou a sua própria essência” (FEUERBACH, 2007, p. 45). O crente é tomado por uma energia indescritível quando sente a presença de Deus, daí a impossibilidade de qualquer dúvida acerca desta força. É assim: precisamente porque este encontro com Deus, constitui-se um mergulho no mais fundo de si na constatação de que seu ser é ser Deus. “Um Deus que se sinta ofendido com a sua determinação não possui o ânimo e a força para existir” (FEUERBACH, 2007, p. 47). O homem feliz desmontou a fratura do dentro fora e assumiu-se Deus. Essa dinâmica não é obrigatoriamente consciente como uma operação da atividade reflexiva. Pode ser, e muitas vezes é, um *pathos* como um turbilhão que solapa o



corpo numa compreensão de si como plenipotência e vigor. Ao ter suas estruturas abaladas, percebe como Eu o outro que criou como Deus a sua própria semelhança.

Se Deus fosse objeto para o pássaro, seria objeto para ele apenas como ser alado. Quão ridículo seria se esse pássaro dissesse: para mim aparece Deus como um pássaro, mas o que ele é em si eu não sei. O ser supremo é para o pássaro exatamente o ser do pássaro (FEUERBACH, 2007, p. 48).

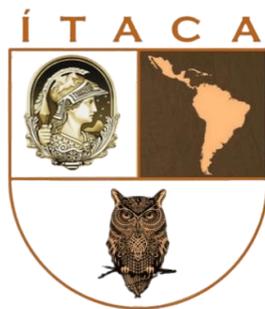
O que é mais chocante neste espírito, como o Absoluto imperturbável, mas intensamente fora, que toma o adorador prostrado de joelhos, é o sentimento de familiaridade, como se um e outro, nunca se tivessem sido separados. “Como poderia eu duvidar do Deus que é a minha essência?” (FEUERBACH, 2007, p. 50). No debate entre racionalistas e empiristas, a questão do fora e do dentro como determinantes obrigatórios do conhecimento acaba por deixar sempre para o sujeito a responsabilidade de ser o emissor do discurso como o cognoscente obrigatório, pois só o homem conhece. Assim, o homem é a medida de todas as coisas, não apenas sobre se a tese que escrevo é um exercício do espírito numa projeção de si sobre computador, puramente, ou se o processo leitor como o fora fomenta as condições deste filosofar; ora, se o mundo existe sem o homem ou o homem dá sentido a ele ou uma interconexão entre ambos; mas que enquanto protagonista de si sobre tudo, não apenas descreve o real, mas inventa muitas realidades como genuinamente suas, entretanto, como uma ausência de si. Talvez, uma falsa modéstia sobre o seu poder. “Para enriquecer Deus deve o homem se tornar pobre para que Deus seja tudo e o homem nada” (FEUERBACH, 2007, p. 55). Essa pequenez porque uma consciência extraordinária, “o homem afirma em Deus o que ele nega em si mesmo” (FEUERBACH, 2007, p. 56), temente, fragilizado frente, por exemplo, a imensidão das tempestades, tremores de terra, erupções vulcânicas, elaborou uma enormidade de preceitos, ritos, mecanismos de adoração, para pedir, para proteger-se, para nunca morrer, ou para ter uma morte o menos dolorosa possível e, que enquanto cadáver, não seja um corpo entregue aos vermes para a



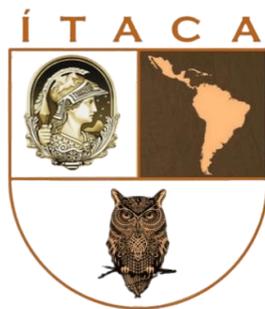
distribuição de energia pelos níveis tróficos da cadeia alimentar, mas que seja enterrado com a rigorosidade do sacerdócio de Deus como vontade do seu Eu.

O homem, em especial o religioso, é a medida de todas as coisas, é a medida da realidade. [...] A religião compreende todos os objetos do mundo. [...] Também os cristãos transformaram fenômenos psíquicos em essências, seus sentimentos em qualidade das coisas, as afeições que os dominavam em poderes que dominavam o mundo, em síntese, transformavam qualidades da sua própria essência, fossem elas conhecidas ou não, em seres autônomos. Demônios, duendes, bruxas, fantasmas, anjos eram verdades sagradas enquanto o sentimento religioso dominava a humanidade total e unanimemente (FEUERBACH, 2007, p. 52).

Deste modo, o homem ao inscrever-se num outro mágico, faz o movimento de ir fora, para de novo realizar o encontro consigo mesmo. Na falsificação mística do credo, sua adoração reverbera como adoração a si mesmo, apesar da convicção inquestionável de que Deus é uma plenipotência aquém do homem; não é fácil ver a si no delírio do crer. Tudo deste ego surge, tanto na construção das cosmogonias, quanto nas práticas dos cultos de adoração, Deus a semelhança do homem, Deus de amor, Deus crucificado como redentor da humanidade, Deus dos humildes, pecadores, miseráveis, Deus da justiça (justiça como a sábia medida, como condição do agir bem). Deus como aquilo de que o homem gostaria de ser, mas que graças a sua covardia ou preguiça diante do desafio de assumir a sua própria vida, numa posição mais ativa, menos ressentida e carregada de memória, a deixa de realizar, afundando-se na lama de sua mediocridade, projetando em Deus a magnanimidade que é sua, porém aprisionada numa existência que há muito deixou de ser extraordinária. Contudo, este organismo combalido, mesmo assim, morada de uma vontade de poder implacável, ao invés, de sucumbir de uma vez por todas, mais uma vez reafirma a vida, realizando-a na fantasia da fé como plenipotência do Absoluto, ou seja, emanção dele mesmo como ser do culto sacro na sua defesa do ego. A invenção de Deus é mais uma estratégia da vida, como defesa contra a resignação e o pessimismo diante do nada, segundo Nietzsche. “Na sístole religiosa expulsa o homem a sua própria essência para fora de si, ele expulsa, repreende a si mesmo; na diástole religiosa acolhe ele novamente em seu coração a essência



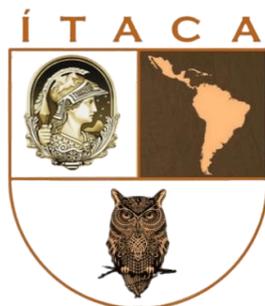
expulsa” (FEUERBACH, 2007, p. 59). Esta atuação do homem de fé, sofredor e angustiado, é uma entrega como último recurso capaz de dar sentido às coisas. Em Deus, percebe a contradição do pecado, como um desajuste entre a essência de si e o *modus operandi* de sua profissão de fé. “Só posso sentir o pecado como um pecado quando o sinto como uma contradição comigo mesmo, isto é, com a minha personalidade e essência” (FEUERBACH, 2007, p. 57). Entretanto, enquanto crente, é capaz de perdoar quando usa do outro de si (Deus) como manobra para reverberar o poder aprisionado na masmorra de uma vida confiscada pelo autoflagelo da culpa. Ou seja, o poder que o tempo todo exulta numa vontade indomável é domado pela sociedade que adentra as pulsões, e cada vez mais, o passar dos dias se torna uma tortura, porque ou o sujeito carrega o passado como sua bolsa pesada indispensável ou projeta o futuro como fuga do presente. De qualquer modo, o poder vai sendo confinado. Todavia, mesmo o mais trivial dos homens desenvolve mecanismos complexos para a apreensão do real, como sujeito condicionado pelo social, docilizado pelos costumes, negou-se como corpo quando teve suas pulsões molestadas, este homem de memória não poderia ser outro senão aquele que sobrepôs a razão ao corpo. E é esta razão o valor identitário mais evidente de Deus. Evidentemente que a mordida do corpo pela ditadura da razão não foi uma sentença automática, o corpo resiste aos desígnios da razão. É indubitável, também, que a religião se utiliza do corpo desde os seus primórdios, dos tambores e cantos uníssonos de um transe coletivo à condenação do corpo pela Igreja como fonte de impurezas e pecado. Mas é a razão o mais misterioso no homem, um concatenar sem fim, um discernir e confundir constantes, uma gritaria ininterrupta e ensurdecadora. Este atributo, essencialmente humano, operador de todas as maravilhas e desgraças promovidas pelo homem, por milênios, tema dos debates mais acalorados, entre filósofos e intelectuais como um todo, ainda é, apesar de todas as páginas escritas, das mais surpreendentes descobertas das neurociências, o oceano mais incógnito, o universo mais escandaloso e indecifrável, o elétron mais instável, impossível de estabilizar para análise e o cálculo. Supomos



a razão como necessário arranjo ao pensamento, mas ao pensarmos a razão afundamos no caldo multifacetado de algo como uma totalidade que não se agarra.

Os escolásticos, os padres da Igreja e muito antes deles já os filósofos pagãos diziam: Deus é a essência, inteligência e espírito imaterial, é uma inteligência pura. De Deus como tal não se pode fazer nenhuma imagem; mas podes fazer uma imagem da razão ou da inteligência? Tem ela uma forma? Não é uma atividade a mais incompreensível, a mais indescrevível? Deus é incompreensível; mas conheces a essência da inteligência? Pesquisaste a misteriosa operação do pensamento, a misteriosa essência da consciência? Não é a consciência o enigma dos enigmas? Já não compararam os antigos místicos, escolásticos e padres da Igreja a incompreensibilidade e a irrepresentabilidade da essência divina com a incompreensibilidade e irrepresentabilidade do espírito humano? E, em verdade, não identificaram a essência de Deus com a essência do homem? Deus como Deus (como um ser somente pensável, somente objeto da razão) nada mais é então do que a razão que é objeto para si mesma (FEUERBACH, 2007, p. 65).

Há uma virada de interpretação das concepções do Antigo Testamento para o Novo. Grosso modo, no primeiro existe uma lógica punitivista ancorada numa forte moralidade. Numa atribuição bastante rígida do certo e do errado como atributos do Livro da Lei. Desde os costumes e comportamentos, como alimentação e vestimenta, ao ritual propriamente dito, existe um meio correto e inegociável de agir. Sendo o não cumprimento da Lei motivo de sanções e punições. O perdão aqui é pago com a punição. (Gn 3,1-13; Gn 7; Gn 19, Gn 22; Gn 23; Gn 32; Ex 21; Ex 22; Ex 35:2; Lv 18:6-17; Lv 18:22; Lv 20; Lv 21:9; Lv 23; Lv 24; Dt 13:1-11; Dt 17:12; Dt 22:25-27; dentre muitos outros capítulos e versículos, se extrapolarmos o Pentateuco e dermos sonoridade a imensidão que abarca a *Bíblia Hebraica* ou mesmo a *Vulgata*, as bíblias da tradição mariana e os compêndios também endossados pela tradição, desde os reformados, com Lutero e sua tradução e modificação do texto originalmente medieval, até as versões populares escritas para os mais variados públicos atualmente.) Noutro momento, com Jesus, o ato de condenar como um desejo sádico mais interior, é substituído pela sabedoria do perdão, ato sem recompensa. Assim, a verborragia hipócrita do judaísmo, como se uns pudessem dizer sobre o pecado dos outros numa suposta isenção do ato de erro próprio, cai por terra, sendo os doutores da lei desmascarados de sua soberba



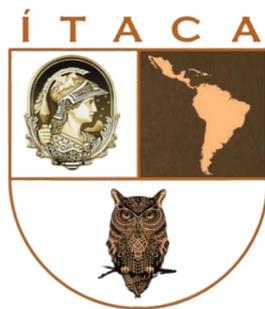
quando desestabilizados, não pelo ataque frontal, mas pelo exemplo do perdão. (Mt 23; Lc 17:3-4; Co 3:13; Lc 6:37; Jo 8; Mt 27:38; Mc 15:27; Jo 19:18) Como sublinha Feuerbach:

Por isso, ao ser Deus encarado como um ser que perdoa pecados, é ele posto não como ser amoral, mas como um ser não moral, como um ser mais do que moral, em síntese, como um ser humano. A anulação do pecado é a anulação da justiça moral abstrata e a afirmação do amor, da misericórdia, do sentimento (FEUERBACH, 2007, p. 76).

E quando Cristo perdoa, o faz porque é homem. Não foi a divindade de Jesus que o fez exercer o evangelho do amor, foi a humanidade de Deus encarnada em Jesus que o elevou ao grande sábio. A humanidade de Jesus só exagera o homem que desde o início é divino e divinizado. Se Deus fosse só Deus, numa atitude intransigente com a criatura, sua mais perfeita obra, não a teria tolerado por tanto tempo, mas porque Deus é homem, que suporta o erro mais atroz e ainda perdoa.

Mas o Deus encarnado é apenas o fenômeno do homem endeusado; porque a elevação do homem a Deus antecede necessariamente ao rebaixamento de Deus ao homem. O homem já estava em Deus, já era ele próprio Deus antes de Deus ter se tornado homem, isto é, de ter se mostrado como homem (FEUERBACH, 2007, p. 77).

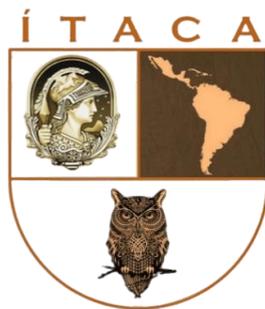
O monoteísmo cristão tem como substrato o mistério da Trindade. Trindade que num primeiro momento denunciaria um certo politeísmo escondido. Pai, Filho e Espírito Santo, de católicos a protestantes, passando pelos ortodoxos, não negam a essência dogmática destes três princípios teológicos. Deus como perfeição, o homem endeusado, encarnou no homem, Deus humanizado, para realizar a providência, morrer da maneira mais horrenda em ato de paixão e perdão pelos seus iguais, a humanidade. Sob ação do Espírito Santo, santificação da essência do homem, para uma prática de completa entrega e sofrimento. “Deus enquanto Deus é o cerne de toda a perfeição humana, Deus enquanto Cristo o cerne de toda miséria humana” (FEUERBACH, 2007, p. 85). O Cristo é a absolutização mais extrema da dor humana, o mais hediondo dos sofrimentos, o mártir de uma humanidade decaída que pode aprender com o redentor a explorar em si o amor como forma de perdão. O Crucificado exemplifica mais uma vez o que temos de mais torpe e



injusto, enquanto vítima do sistema de crueldade romano, porém nem o primeiro, nem o último modelo, criado pelo homem, para infligir dor e sofrimento; ao mesmo tempo, ainda, que escancara o que temos de mais extraordinário e bonito. O mito de Jesus coloca a nu o homem enquanto homem na assunção de si mesmo a etérea corte dos Santos. “A religião cristã é a religião do sofrimento. As imagens do crucificado, que até hoje encontramos em todas as igrejas, não representam o redentor, mas somente o crucificado, o sofredor” (FEUERBACH, 2007, p. 88). O ser-para-si-mesmo renega sua tranquilidade passiva para ser-para-o-outro, para o homem. O ser que é essência e existência, inteiramente completo, sem nenhuma falta ou necessidade, deslocado da temporalidade e do espaço, assim como do Princípio de Causalidade, não determinado, portanto, habitante de uma paz como ausência de conflitos, denega seu privilégio celestial para ser a plena miséria, a mais insalubre existência. Por isso, soaria distorcida esta virada de Deus a Jesus, se Deus não tivesse todos os grandes atributos que o faz homem. Quando Deus assume a sua humanidade, apenas exagera o mais genuinamente humano como a educar a humanidade sobre sua potência criadora e inventiva.

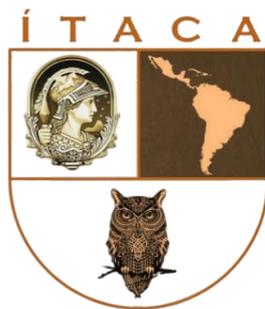
Na segunda pessoa é então abandonada a qualidade essencial da divindade, a qualidade do ser-para-si-mesmo. Mas o próprio Deus-Pai gera o filho; ele renuncia assim à sua divindade rigorosa, exclusiva; ele se humilha, se rebaixa, coloca em si a essência de finitude, do ser fundado; ele se torna homem no filho, na verdade de início não quanto a forma, mas quanto a essência. Mas exatamente por isso torna-se Deus, como filho, objeto do homem, objeto do sentimento, do coração (FEUERBACH, 2007, p. 94).

O propósito de Deus enquanto rebaixado é dar o exemplo de uma prática de vida que o santifica, não como a transbordá-lo de uma transcendência além-mundo, mas de glorificá-lo como uma pessoa eticamente coerente com a sua essência. A prática de Jesus é uma prática de si como a dispor-se na vida sem subterfúgios e escamoteio. Jesus como Deus porque homem foi a plenificação absoluta da mais sólida ética humana, uma ética pautada no amor, que em nome do nome de Deus aceita toda diferença de si como motivo para o seu despojar-se no mundo. “Por isso todo homem deve ter um Deus, isto é, estabelecer uma meta, um propósito. O propósito é o impulso vital consciente, optado e essencial, a visão genial, o ponto



luminoso do conhecimento de si mesmo – a unidade de natureza e espírito no homem” (FEUERBACH, 2007, p. 89). Portanto, a religião é só um meio para o homem adorar aquilo que o faz maior, mais digno, mais honroso, de amar a si mesmo como o único portador do amor como dádiva... Mas a palavra tem o seu valor mais humano. “No princípio era o Verbo, e o verbo estava junto de Deus e o Verbo era Deus.”¹⁰⁵ No princípio era o logos, a inteligência cósmica que criou Deus. A palavra é o homem, a palavra faz o homem a palavra que ele é, de modo a, arbitrariamente, localizarmos na palavra a coisa. A palavra tem a força para mudar o mundo, para destruí-lo, para realizá-lo da forma como aprouvermos, pois o mundo é a palavra enquanto idealidade de um atalho cognitivo. Não só isto, se o real representado como objeto da apreensão dos sentidos não é tão simples de organizá-lo nas palavras, que dirá o real como fantasia, abstração, isto é, a palavra que suporta tudo na sua semiótica canhestra é a mesma que se nega a ser palavra de algum objeto, a palavra que criou o mundo rebela-se contra ele e o mundo, palavra, resiste ao seu criador escondendo-se nos impossíveis da gramática como a sodomizá-la num não-dito, não normatizado e angustiante. “A ‘razão’ na linguagem: oh, que velha e enganadora senhora! Receio que não nos livraremos de Deus, pois ainda cremos na gramática...” (NIETZSCHE, 2006, p. 19) Os poetas inventam as suas palavras, que não existem, para o seu objeto artístico. Pois, a palavra é Deus, e se Deus é o Criador, a palavra criadora, Deus é o poeta do mundo, poeta que se perdeu do mundo quando quiseram imortalizá-lo numa outridade que não é o outro do eu, mas um outro do nada. O homem sem a palavra é uma águia sem seu voo, é um habitante da cidade, toda ela bela e suntuosa, com sua arquitetura exuberante, seus museus, comércios, e nenhuma pessoa, depois de devastada por uma Bomba de Nêutrons. Como sustenta Feuerbach no seu ateísmo

¹⁰⁵Jo 1:1 na BÍBLIA. Português. *Bíblia Sagrada*. Tradução dos originais grego, hebraico e aramaico mediante a versão dos Monges Beneditinos de Maredsous (Bélgica). São Paulo: Editora Ave-Maria, 2013. Na tradução da Bíblia Pastoral, BÍBLIA. Português. *Nova Bíblia Pastoral*. Tradução de Frizzo, Scardelai, Kaefer, Prado, Bazaglia e Vasconcellos. São Paulo: Editora Paulus, 2014., lê-se: “No princípio existia a palavra, e a palavra estava junto de Deus, a palavra era Deus.”



humanista: “A palavra torna o homem livre. Quem não pode externar é um escravo” (FEUERBACH, 2007, p. 103). No princípio era o Verbo: o verbo, a palavra criou Deus. Sem a palavra, Deus não seria Deus, nem seria coisa alguma. Deus, a primeira palavra, palavra da ação, criou a gramática do mundo. Antes não havia nada, depois apenas a selva e os seus seres vivos, muito tempo de evolução teve que passar, muita adaptação, mutação genética e eventos aleatórios provenientes de muitos e múltiplos cruzamentos sucessivos, até que a linguagem enquanto operação altamente sofisticada do cérebro, especialmente da área do córtex pré-frontal, ausente nos outros mamíferos, ou menos desenvolvida nos outros primatas, fosse capaz de organizar o mundo e criar a palavra Deus. Sem a palavra, Deus não existe, sem o córtex pré-frontal desaparecem as palavras e com ela, Deus e todo o resto. Só existem deuses humanos porque somente os humanos têm aparelhagem neurofisiológica para poetizar o mundo criando seus arroubos eloquentes como um pedante amor a si mesmo. A palavra deu origem a tudo. Não é trivial uma primeira parte da cerimônia católica como adoração da Palavra e um segundo momento como consubstanciação do corpo em carne, do verbo encarnado, e do vinho em sangue, a palavra morta para a ressurreição da palavra original: amor, como exemplo para a humanidade. Assim como descreve o milagre da palavra, Feuerbach:

A palavra é o pensamento plástico, revelado, refulgente, brilhante, iluminante. A palavra é a luz do mundo. A palavra leva a toda a verdade, soluciona todos os mistérios, mostra o invisível, torna presente o passado e o distante, termina o infinito, eterniza o temporal. Os homens passam, a palavra permanece; a palavra é vida e verdade. À palavra é dado todo o poder: a palavra faz com que os cegos vejam, paralíticos andem, doentes se curem e mortos ressuscitem – a palavra faz milagres e na verdade os únicos milagres racionais (FEUERBACH, 2007, p. 102).

A teologia medieval gastou bastante tempo para fundamentar uma doutrina que relegasse o corpo a uma fonte concupiscível atribuindo a toda forma de prazer uma condenação como valor luxurioso. Tais assertivas tiveram como sustentáculo um certo dualismo que separou o corpo da alma. O corpo como prisão para a alma. Uma teologia assim, denuncia muito mais o que tem de podre no corpo dos



sacerdotes, que propriamente expõe as tratativas de um bem viver segundo a lei de Deus. Nas palavras de Nietzsche sobre os filósofos, doutrinados nas antecâmaras do ideal ascético:

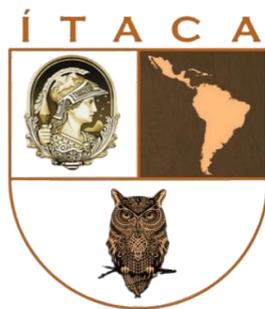
“[...] Moral: dizer não a tudo o que crê nos sentidos, a todo o resto da humanidade: tudo isso é ‘povo’. Ser filósofo, ser múmia, representar o ‘monotonoteísmo’ com mímica de coveiro! — E, sobretudo, fora com o *corpo*, essa deplorável *idée fixe* dos sentidos! acometido de todos os erros da lógica, refutado, até mesmo impossível, embora insolente o bastante para portar-se como se fosse real!...” (NIETZSCHE, 2006, p. 17, aspas do autor).

Uma fé sem corpo é uma fé vazia, estranha a qualquer experiência que mergulhe o sujeito no sagrado. Negar o corpo, flagelando-o, por exemplo, é impor ao corpo uma experiência espiritual. O corpo é a fonte de toda a crença, de todo estar com Deus, de todo ser Deus. Não é à toa que o ato mais sublime da Santa Missa é a consubstanciação do trigo em carne, a carne do crucificado se faz corpo mais uma vez, para ser devorado pelas bocas mais hipócritas e impuras.

Personalidade, ‘eguidade’, consciência sem natureza não é nada ou, o que dá na mesma, é uma abstração vazia, sem essência. Mas a natureza, como já foi demonstrado e é evidente por si mesmo, nada é sem o corpo. [...] O corpo é o fundamento, o sujeito da personalidade. [...] Mas o corpo nada é sem carne e sangue. Carne e sangue é vida e só a vida é a realidade do corpo (FEUERBACH, 2007, p. 112).

A medida de Deus é sem dualismos, sem ausências, incompletudes, desarranjos conceituais, inconsistências morais. Ele é, desde sempre, antes de todo ser e depois de todo ser. Sua história já está completa porque o antes e o depois, complementam-se numa integridade. Como unidade pura Ele é vontade em ação, idealidade do real e essência existente. Essa inseparabilidade, impossibilidade de distinção, de cisão, amarra todo o ser que não pode não ser, a não ser que o homem em contradição consigo mesmo dissocie o mundo como a instalar um dentro e um fora, separados por um muro intransponível, negando a si a essência que o constitui.

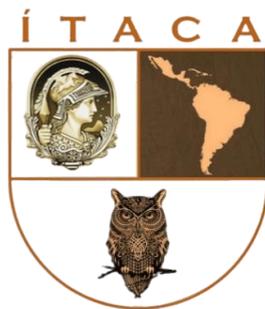
Em Deus isto não se dá, porque nele princípio, fim e meio não se deixam distinguir, porque ele é de uma vez o que é, é desde o início o que deve ser, o que pode ser; ele é a unidade pura de existência e essência, realidade e ideia, ação e vontade. *Deus suum Esse est* (FEUERBACH, 2007, p. 117).



Esse ser, digno da adoração incondicional, é ele mesmo, o homem, na imagem grandiloquente de Deus. “Tudo que o homem louva e honra é para ele Deus; o que ele repreende e repudia é o não-divino. A religião é um juízo” (FEUERBACH, 2007, p. 117). O homem teve que tornar o mundo agradável. Inventá-lo de um modo a ser possível habitá-lo. O câncer, um vírus como o da Covid-19, uma simples queda no banheiro e a morte tão traiçoeira a sabotar uma vida ainda tão jovem, são vigências de um conteúdo efêmero da vida, algo insuportável para uma existência que tem como bastião a consciência. Assim, diante deste descompasso, entre aquilo que achamos que somos, como grandes criaturas deste mundo, e a trivialidade de uma morte a qualquer momento, sem aviso ou explicações justificadoras, acabamos por imaginar outras realidades que fragilizem a indelicada constatação do conteúdo passageiro e nem um pouco mágico da vida. Assustados, os homens ultrapassam essa mesquinha existência, reduzindo-a a uma provação, a um castigo, a uma passagem, elevando a esperança a uma categoria capaz de fazer esperar, procrastinando a vida pela vida. Deus não é uma invenção qualquer, é apenas mais uma estratégia para que o homem continue na vida. Mesmo uma vida medíocre disposta a ressentir-se e fofocar no pátio da igreja, é ainda uma vida que se afirma.

Certamente é um Deus somente pessoal um Deus abstrato; mas tal deve ele ser, isto já está no seu conceito; porque ele nada mais é que a essência pessoal do homem que se coloca livre de qualquer conexão com o mundo, que se liberta de qualquer dependência da natureza. Na personalidade de Deus o homem festeja o sobrenaturalismo, a imortalidade, a independência e a limitação da sua própria personalidade (FEUERBACH, 2007, p. 118).

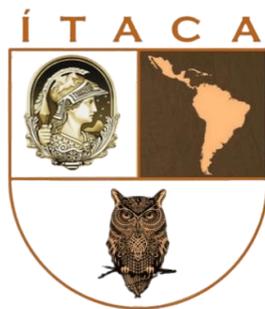
Deus é o ser-para-si, objeto de si, objeto do sujeito que é. Mas a essência de Deus como seu ser plenipotente, que é conhecida pelo sujeito, não é pensada numa região circunscrita onde Deus, solitário no seu existir, fosse pleno na sua vacuidade desinteressada. Deus só pode conhecer a sua essência quando for capaz de pensar o outro, o além de si mesmo como a comungar sua essencialidade com outras essencialidades, e disto avaliar distinções e aproximações. O objeto de avaliação do essencial de Deus, primordial ao seu ser enquanto tal é o homem



enquanto obra-prima, segundo a mitologia. Deste avaliar de Deus, conclui Deus sobre sua identidade com o humano, não sendo sua essência nada mais que a essência do homem. A essência do cristianismo como a essência do homem. Pai e filho como um idêntico do primeiro no segundo e um não idêntico num terceiro. Cristo une o Pai e o Espírito Santo, pois oferece o milagre humano do sacrifício maior por amor ao homem, à sua essência. Porque ama que é homem e por levar este amor às últimas consequências, que vislumbra o Espírito Santo e, portanto, recompõem-se naquele que é Pai. Se é Pai na relação, se é Cristo na relação, se é um Espírito Santo no amor do filho pelo Pai, filho homem que é Deus Pai.

A MORTE DE DEUS

O grande acontecimento da história não seria contado pelo homem de razão, se a razão como lacaia da teologia iludiu-se na profusão de seu próprio encadeamento lógico das causas e dos efeitos. O homem da desrazão, ou arrazoado na perspectiva dos razoáveis, não tem nenhum filtro moral capaz de, para o bem ou para o mal, desistir de contar a derradeira notícia. Se conjecturar-se-ia que Deus é o modelo ordenador do mundo, sua inexistência não interessaria a ninguém porque colocaria a humanidade diante do caos. Mas o homem louco não tem essas pretensões salvíficas. Ele, ironicamente, procura a Deus no mercado, em meio aos comuns. E entre eles estavam os descrentes, os que deixaram a fé de lado arrogando-se portadores de uma superioridade, por não se enquadrarem em credências. Esses ateus ainda criam, o Deus cristão fora substituído pela lógica, pela razão, pela ciência, pela verdade. O niilismo cristão como além-mundo, ganhou outros epítetos no niilismo moderno: progresso, ordem, planejamento e controle, matematização do mundo, objetividade, empirismo e racionalismo. Para a soberba destes homens do conhecimento, alguém que procura Deus não passa de um ignorante, mal conseguem perceber o quão cristãos ainda são esses ateus dogmáticos da metafísica.

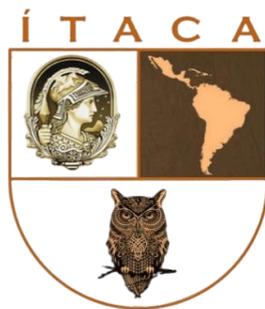


O Homem louco – Não ouviram falar daquele homem louco que em plena manhã acendeu uma lanterna e correu ao mercado, e pôs-se a gritar incessantemente: “Procuro Deus! Procuro Deus!”? - E como lá se encontrassem muitos daqueles que não criam em Deus, ele despertou com isso uma grande gargalhada (NIETZSCHE, 2001, p.147)

Assim, diante da inesperada procura do homem louco, eles se põem a indagar, sempre com um risinho matreiro, porque tem certeza de sua superioridade, o que teria acontecido a ele. Sempre requerendo uma certa insanidade que desautorizaria qualquer fala, como um silêncio dos calabouços manicomial. Se não é a loucura, é o infante como outro impedido de dizer, pois suas palavras são totalmente impróprias aos adultos sábios de uma racionalidade que sabe do mundo absolutamente. Não importa, o homem louco tinha algo a dizer, não a qualquer um, mas àqueles que não criam, àqueles que debochavam dos que ainda se permitiam, por ignorância ou sofrimento, ter uma fé. Deus está morto! Eis a sentença. Não só o Deus cristão, mas toda segurança metafísica, todo conceito duro. Não há nada capaz de impedir o desamparo. Com a morte de Deus toda fantasia criada como amortecedor e escamoteio caiu por terra, ficando apenas o abismo sem fundo. Por trás das coisas não existe nada. Antes e depois da vida há o nada.

Então ele está perdido? Perguntou um deles. Ele se perdeu como uma criança? Disse outro. Está se escondendo? Ele tem medo de nós? Embarcou num navio? Emigrou? - gritavam e riam uns para os outros. O homem louco se lançou para o meio deles e trespassou-os com seu olhar. “Para onde foi Deus?”, gritou ele, “já lhes direi! *Nós o matamos* – vocês e eu. Somos todos seus assassinos! (NIETZSCHE, 2001, p.147)

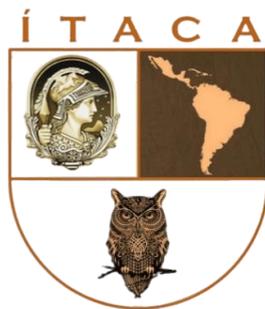
A ordem abolida, agora é caos e acaso. O grande relógio do universo, com suas engrenagens justapostas ordeiramente, despojou-se de si como consciência da ficção que é. A mecânica clássica pressupunha um universo, que desde o mais gigantesco ao mais ínfimo objeto, haveria uma disposição coerente dos dados empíricos. Bastaria juntar cada peça, entendê-las uma por uma, e pela soma de todas elas teríamos o todo. A morte de Deus em Nietzsche já verificava, o que os Físicos Modernos, constatarão, o caos, o improvável, o instável, o fluído, o indizível, são muito mais frequentes que o encaixe perfeito das coisas. Da Termodinâmica ao Princípio da Incerteza de Heisenberg, em que é impossível



medir a posição e a velocidade do elétron no mesmo instante, porque quanto mais se sabe da posição, menos se sabe da velocidade, e vice-versa, passando pela Constante de Plank, como recurso ao cálculo quântico do elétron em comportamento ondulatório, usado, inclusive, no cálculo de incerteza, e a distribuição eletrônica de Linnus Pauling, se constata dia após dia a dificuldade de adequar o determinismo mecanicista ao real. Não é que Newton estivesse errado, não se trata disto. Os físicos quânticos apenas testaram a eficácia das regras da mecânica geral ao mundo subatômico: não funcionaram. Seus estudos, de novo, tentam cercar o objeto, mas a ondulatória dos elétrons impede sua estabilização e, portanto, total descrição de seu comportamento. Uma outra física surgia com novos recursos capazes de dar conta da natureza extrinsecamente instável do mundo subatômico, já admitindo em seu debate, os impossíveis do objeto como instância fenomênica intrínseca. Ou seja, o estilo primoroso de Nietzsche, poético, deixa sobre escombros os alicerces mais vigorosos da modernidade. Além de zombar da perenidade de Deus, essa invenção tão mirabolante.

Mas como fizemos isso? Como conseguimos beber inteiramente o mar? Quem nos deu a esponja para apagar o horizonte? Que fizemos nós, ao desatar a terra do seu sol? Para onde se move ela agora? Para onde nos movemos nós? Para longe de todos os sóis? Não caímos continuamente? Para trás, para os lados, para frente, em todas as direções? Existem ainda 'em cima' e 'embaixo'? Não vagamos como que através de uma nada infinito? Não sentimos na pele o sopro do vácuo? Não se tornou ele mais frio? Não anoitece eternamente? Não temos que acender lanternas de manhã? Não ouvimos o barulho dos coveiros a enterrar Deus? Não sentimos o cheiro da putrefação divina? - também os deuses apodrecem! (NIETZSCHE, 2001, p.148)

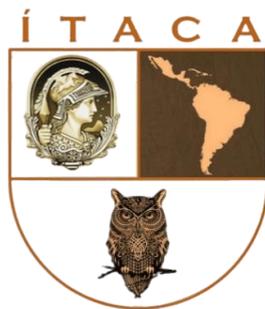
O homem fragilizado diante da imensidão do existir, inventou seus deuses. Não é trivial esta solução. A hipótese antropológica de Feuerbach concorda com Nietzsche, os homens inventaram Deus a sua imagem e semelhança. E ao reconhecer que Deus é homem, passa da posição passiva de contemplador e suplicante do milagre, para agente potencializador da vida. Pois a morte do Deus metafísico e transcendental, deixou em aberto, o furo que estampa o nada como modelo de criação, ou seja, para Feuerbach como assimilação do caráter divino do



homem, para Nietzsche, como poeta autor de sua própria vida pela transvaloração dos valores morais numa atitude do homem que o lança no além do homem. Mas o mesmo construtor de deuses é o seu destruidor. Quem matou Deus? Os homens. O covarde do homem que se entrega em além-mundos é o mesmo que em algum momento se enche de si para fincar os pés neste mundo, nesta terra, neste desolado deserto de dor e falta de sentido. Dois caminhos para a morte de Deus. Primeiro, resignar-se diante do mundo e de seu sofrimento, esperar a morte chegar dando alívio a efemeridade do ser. Segundo, assumir um niilismo ativo, em que reconhece-se essa vida nestas condições inóspitas, não para se lamentar, mas para conseguir fazer o que der, no sentido de torná-la obra de arte. O teor trágico da filosofia de Nietzsche é revigorante, pois enfrenta, luta, combate, não se acovarda diante da imensidão, faz dos instintos impulso para uma vida mais forte e vigorosa. Quando Deus morreu fomos obrigados a assumir a vida que temos. Maior desafio não é penitenciar-se para a vitória do prêmio do Paraíso, mas ser protagonista de uma vida que não será recompensada em nada, por mais que se lute, no fim o que se tem é o nada. Entretanto, enquanto o nada não se presentifica, se pode mover os pincéis, com as tintas mais lindas, sobre a tela de que somos, fazendo no branco do pano, imagens de um extraordinário da vida, porque amamos viver. A morte de Deus não é uma sentença de morte, é uma sentença de vida.

Deus está morto! Deus continua morto! E nós o matamos! Como nos consolar, a nós, assassinos entre os assassinos? O mais forte e mais sagrado que o mundo até então possuía sangrou inteiro sob os nossos punhais – quem nos limpará este sangue? Com que água poderíamos nos lavar? Que ritos expiatórios, que jogos sagrados teremos de inventar? A grandeza deste ato não é demasiado grande para nós?” Não devíamos nós mesmos nos tornar deuses, para ao menos parecer dignos dele? Nunca houve um ato maior – e quem vier depois de nós pertencerá, por causa desse ato, a uma história mais elevada que toda história até então! (NIETZSCHE, 2001, p.148)

Mas esse grande assassinato, já realizado, porque apesar de todas as suas invenções mirabolantes, o homem vive esplendidamente a terra, essa vida mesma, ainda não é uma notícia a qual o homem esteja preparado para ouvir. É ele que faz tudo, mas ainda credita suas proezas a amigos imaginários, amuletos, palavras de



ilusão. Ainda é tempo de espera para que todos os ídolos caiam e o homem se liberte de todas as correntes. Uma tão longa história, construída sobre os ídolos mais consistentes, com seus profetas, notavelmente engajados, por milênios a fio, não é tão simples de ser desmontada. Nem é seguro, pois toda a inventividade do homem está ancorada nestas ficções, seria como retirar o cadafalso para o desgraçado se enforcar. Outros valores têm de substituir estes, para uma nova cultura emergir dos escombros deste bombardeio mortal. Uma cultura que não seja *a* cultura, destarte um modo cultural que reivindique a superação do homem.

Nesse momento silenciou o homem louco, e novamente olhou para os seus ouvintes: também eles ficaram em silêncio, olhando espantados para ele. “Eu venho cedo demais”, disse então, “não é ainda meu tempo. Esse acontecimento enorme está a caminho, ainda anda: não chegou ainda aos ouvidos dos homens. O corisco e o trovão precisam de tempo, a luz das estrelas precisa de tempo, os atos, mesmo depois de feitos, precisam de tempo para serem vistos e ouvidos. Esse ato ainda lhes é mais distante que a mais longínqua constelação – *e no entanto eles o cometeram!*” (NIETZSCHE, 2001, p.148)

“Se não há Deus nem imortalidade da alma, então tudo é permitido”, disse Ivan Karamázov. O pessimismo russo sugere que sem Deus, o alicerce moral por excelência, o que restaria é a selvageria e a barbárie. Daí adviria massacres, guerras de dominação, torturas, a terra sem lei de Sodoma e Gomorra sem a perspectiva do castigo divino. Ora, a história da humanidade é, desde muito tempo, guerras de dominação, massacres, torturas, aliás, realizadas, em muitos momentos, pelos mais fervorosos religiosos. Não é uma suposição coerente imaginar que a morte de Deus levaria ao caos. Curiosamente, o Tratado de Latrão ratificou a aliança entre o Papa Pio XII e Hitler. A coluna moral inquebrantável da Igreja aliou-se ao mal para garantir territórios e legitimidade, sendo este mal abominável: o mais eficaz assassino de judeus que a história já viu. A ironia de Nietzsche é maravilhosa. Talvez, o primeiro a compreender a morte de Deus tenha sido os próprios cristãos, que distorcem qualquer compreensão moral para conseguir os seus intentos terrenos: dinheiro, terra, mulheres, poder. E mais, com a fatídica notícia, Nietzsche profetizava um pouco da barbárie do século XX.



Essa longa e abundante sequência de ruptura, declínio, cataclismo, que agora é iminente: quem poderia hoje adivinhar o bastante acerca dela, para servir de professor e pronunciador de uma tremenda lógica de horrores, de profeta de um eclipse e ensombrecimento solar, tal como provavelmente jamais houve na Terra?...(NIETZSCHE, 2001, p.234.)

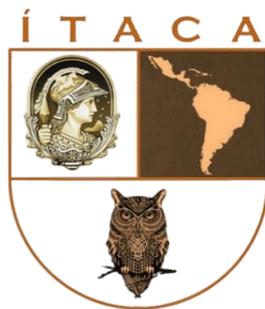
Que diabólica premunição! Nietzsche vislumbrava, em termos de metáfora, o caos, no próximo século. E quantas mazelas o destino guarda, quem poderia supor que trechos do próprio Nietzsche seriam usados, fora de contexto, pelas mentes mais levianas da barbárie nazista. Como depois de muito tempo, sua beleza estilística, ainda era um pecado mortal, graças ao combate sistemático dos pensadores marxistas no contexto da guerra e do pós-guerra! Como, hoje, século XXI, a sua leitura é vista com maus olhos por alguns, como um espírito demoníaco a blasfemar contra Deus, um machista, um individualista. Nietzsche continua sempre atual, pois consegue recrutar no sujeito do ressentimento os afetos mais destrutivos: “O homem é algo que tem de ser superado” (NIETZSCHE, 2011, p. 46). As sombras tomaram o mundo sob o imenso cogumelo nuclear de um *telos* da guerra como a encarnação de uma insanidade que tencionará todas as relações morais, políticas, econômicas, culturais a partir de 1945. O fim da guerra em 1945 ratificou e aprofundou o niilismo hiperbólico e reativo, a morte de Deus como endosso para o desespero de uma humanidade devastada pela derrota generalizada de todo otimismo inventado como ícones pelo Iluminismo, pelo Positivismo, pelas ciências, pela razão. A Segunda Grande Guerra Mundial (1939-1945) não foi um produto da irracionalidade, mas da razão, com todas as suas letras: coesão, planejamento, concatenação de causas e efeitos, pragmatismo, utilitarismo, e isto, não só por parte dos alemães, a esperteza do cálculo como recurso insurgente na garantia de defesa dos *Aliados*, diga-se, inimigos rebelados, comunistas versus capitalistas, para a sangria de um inimigo muito pior e pouco afeito à corte dos senhores do mundo. Assim prognosticou Nietzsche:

Mesmo nós, adivinhos natos, que espreitamos do alto dos montes, por assim dizer, colocados entre o hoje e o amanhã e estendidos na contradição entre o hoje e o amanhã, nós, primogênitos e prematuros do século vindouro, aos quais as sombras que logo envolverão a Europa já *deveriam* ter se mostrado por agora: como se explica que mesmo nós

233

Rio de Janeiro

ISSN 1679-6799



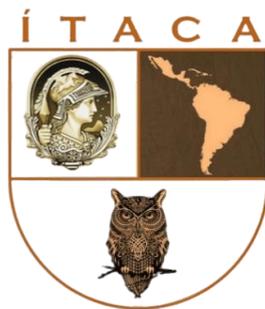
encaremos sem muito interesse o limiar deste ensombrecimento, e até sem preocupação e temor *por nós?* (NIETZSCHE, 2001, p.234).

Os outros mundos acabaram: o Paraíso, o inferno, o purgatório, a realidade paralela, o éden, a barca de Noé. Nada disto faz sentido, o mundo, o nosso mundo, é a Terra. Com suas mazelas, tristezas, guerras, invejas, fome. O melhor a fazer para tornar o mundo melhor não é reivindicar um outro mundo em substituição deste, mas olhar para si como protagonista de todas as glórias e desgraças deste mundo. Quem inventou a agricultura foi o homem, o mesmo que inventou a fome. Lutemos pela terra, façamos morada sobre o chão de terra, lavrada com o sangue das guerras de nossos antepassados, com o sangue dos hediondos crimes por nós perpetrados. A terra está sulcada de sangue e nenhuma entidade de outro mundo trabalhou com tanto afincos para deixá-la tão papada de pisar em sua viscosidade nauseabunda, quanto os homens.

Amo aqueles que não buscam primeiramente atrás das estrelas uma razão para declinar e serem sacrificados: mas que se sacrificam à terra, para que um dia a terra venha a ser do super-homem (NIETZSCHE, 2011, p. 18).¹⁰⁶

O cume das espadas, muitas vezes, atravessou incólume os principais vasos sanguíneos de seus irmãos, por causa do Senhor Jesus Cristo, Maomé, Moisés.

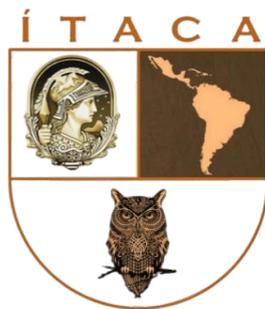
¹⁰⁶ Existe um debate acalorado sobre a tradução para a língua portuguesa da palavra *Übermensch*. Na minha humilde opinião, um debate que se distancia das questões centrais do pensador alemão. Utilizarei além-do-homem no meu texto, e super-homem permanecerá enquanto opção de tradução de Paulo César de Souza, pois é a bibliografia que estou usando. Talvez, todos esses afetos estivessem ligados a uma suposta superioridade do ariano como um super e que os aliados devem combater como genuíno fascismo. Ou porque super-homem também está ligado ao cinema hollywoodiano. Ou, por fim, porque remetesse-se a uma individualidade exacerbada. De qualquer modo, o além-do-homem não é superior porque é oriundo de uma raça ou porque seja forte, o homem de aço, ele é alguém que superou o homem. Superou-se a si mesmo porque adquiriu a capacidade de perscrutar seus próprios valores morais, não sendo mais uma vaca adestrada, mas um dançarino que tem no trágico da vida, a arte de ultrapassar a ponte entre o homem e o além-do-homem. A nota 6 do Prólogo de Zaratustra, esclarece o debate e explica a opção por super-homem por Paulo César de Souza. Como dito, não é intuito deste trabalho penetrar neste debate, primeiro por nossa opinião sobre o seu valor inócuo, segundo pelas intenções as quais servem estas considerações. Assim, desde já, e nos resguardando de um possível patrulhamento ideológico, supostamente de esquerda e progressista, não defendemos o uso desta ou aquela palavra, como a exaltar qualquer tipo de superioridade racial seja lá de que grupo cultural for. Além de não compactuarmos com uma noção de indivíduo ou sujeito, totalizada em si mesma, como um todo compacto, um eu absoluto e, não consideramos que Nietzsche concordasse com isso também não. Essa leitura talvez fosse apressada demais a um pensador que nos recomenda lentidão.



Esses desprezadores da vida, mentirosos, ludibriadores, pregadores do mal sob a carapaça de bem, estes porta-vozes da esperança, da espera, da longa espera para uma felicidade que, garantido, não passa da petrificação do nada pelo não-ser da morte, estes oportunistas do sagrado perderam suas dóceis ovelhinhas. Se Deus está morto, mais uma vez podemos saborear a vida e ser felizes, agora, sem esperar nada. Ou, como em Feuerbach, nos transfigurando em deuses.

Eu vos imploro, irmãos, permanecei fiéis à terra e não acrediteis nos que vos falam de esperanças supraterras! São envenenadores, saibam eles ou não. São desprezadores da vida, moribundos que a si mesmos envenenaram, e dos quais a terra está cansada: que partam, então! Uma vez a ofensa a Deus era a maior das ofensas, mas Deus morreu, e com isso morreram também os ofensores (NIETZSCHE, 2011, p. 15).

O Iluminismo colocou em termos racionais e supostamente laicos os preceitos que o cristianismo já pregava a séculos, haja vista a igualdade. De modo que os homens superiores, os bons, se sentem envergonhados e contêm a sua glória para não ofender aos vermes. Deus foi o primeiro a estabelecer a igualdade como princípio da humanidade. Diante de Deus todos são iguais. Mas se Deus está morto, a igualdade como valor não é mais que engodo, falsificação, derrotismo de uma maioria, que impõe aos raros o chicote que o flagela como um malvado, orgulhoso, vaidoso e egocêntrico. Sem a justificativa de um superior intransponível, estes nobres conclamam, diferenciar-se, desgarrar-se, de uma vez por todas, do rebanho de vacas e alçar seus voos de liberdade. Aliás, estes são os que reivindicavam, desde o início, a grande notícia da morte de Deus. No mercado de peixes não se encontram homens superiores, mas derrotados pelo cansaço da vida. Tamanho é o peso de sua existência que qualquer vontade, minimamente, pululante, jovial, altiva, é esmagada com a ladainha mais derrotista, incapacitante, venenosa: “você não vai conseguir!, isso é muito grande pra você!, está querendo aparecer!, mais humildade, amigo!, por experiência própria, eu tentei, é difícil demais, nem precisa tentar!”. E assim descarregam sobre os nobres seu instinto de mansidão e pessimismo. “Fadiga que de um salto quer alcançar o fim, com um salto-mortal, uma pobre, insciente fadiga, que nem mais deseja querer: ela criou todos os deuses

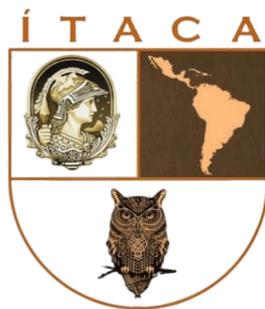


e trasmundanos” (NIETZSCHE, 2011, p. 41). Esses fracos inventaram Deus para suportar as suas próprias vidas terríveis e insuportáveis para eles mesmos. Junto aos deuses veio a moral, como uma forma de se meter na vida dos outros, impondo-lhes uma determinada forma de ser com o objetivo de castrar toda vontade de poder que atua na expansão de seu poder.

Ó homens superiores, aprendei isto de mim: ninguém, no mercado, acredita em homens superiores. E, se quiserdes lá discursar, muito bem! Mas a plebe pestaneja e diz: “Somos todos iguais”. “Ó homens superiores”, — assim diz a plebe — “não há homens superiores, somos todos iguais, homem é homem, diante de Deus — todos somos iguais!” Diante de Deus! — Mas agora morreu esse deus. E diante da plebe não queremos ser iguais. Ó homens superiores, ide embora do mercado! (NIETZSCHE, 2011, p. 336)

Anunciada a morte de Deus, libertou-se a filosofia de sua escravidão teológica e metafísica. Portanto, se é capaz de, com Deus ou sem Deus, erigir os fundamentos epistemológicos e hermenêuticos que quiser, sem preocupar-se com a fogueira da Santa Inquisição, com a culpa e o castigo infernal, sem a mordada do dogma. Porém, o outro lado da moeda, o ateísmo, na perspectiva da morte de Deus, como contraposição a Deus, não pode se edificar como outro dogma, pois obedecendo ao princípio da não-contradição: o homicídio de Deus destruiu todos os alicerces morais construídos pelo homem. Se Deus está morto, qualquer coluna rígida demais, acaba por retirar Deus do túmulo e restaura uma idolatria ao cadáver, como uma forma da verdade carcomida pelos vermes do tempo que transformam toda ideia em nada.

Enquanto Nietzsche aponta para a destruição das imensas colunas da metafísica a partir da morte de Deus como fenômeno niilista, num nível de abrangência gigantesco; Feuerbach indicou uma crítica a concepção de Deus inventada pelas religiões abraâmicas, invertendo a sentença. Nietzsche e Feuerbach concordam em seu humanismo. Nietzsche como a deflagrar o nada e o caráter trágico da vida como recursos criativos e inventivos, libertando o sujeito de seu espírito de rebanho. Feuerbach a lembrar que o amor de Deus pelos homens não poderia ser de outro ser, senão do próprio homem, o Cristo pregado na cruz, única



criatura capaz de amar genuinamente. Por outro lado, se o martelo de Nietzsche destrói uma ampla concepção de mundo forjada espiritualmente no ocidente cultural, o apelo antropológico de Feuerbach foca na dimensão religiosa para afirmar, ao mesmo tempo, o homem, o amor e a tolerância religiosa. Pois somente o homem pode salvar a si mesmo não havendo além mundos, Deus, ideias eternas, a se apegar como salvaguardas de seja lá o que for.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do desamparo o homem criou Deus. O Deus que tudo suporta é o homem ainda desesperado diante do desamparo, como aliança Feuerbach n' *A Essência do Cristianismo*. Esta projeção de si como experiência do sagrado, superposta pela morte de Deus, indicado por Nietzsche, redireciona a história da humanidade numa versão alegre e jovial, pois incorpora em seu *modus operandi* o pessimismo de uma vida sem sentido, que por isto mesmo, nos é possível dar o sentido que desejarmos. Ou, na linguagem do pensador da Basileia, questionar os valores, e destruí-los, para criar novos valores, sem culpa ou ressentimento, tomados da alegria do filósofo dançarino. Feuerbach e Nietzsche dialogam no sentido, primeiro, de uma crítica ao cristianismo institucionalizado, Nietzsche ampliando seu escopo de análise para as fronteiras mais profundas da cultura ocidental. A descoberta de que o Deus do homem é ele mesmo em Feuerbach, desemboca na força, talvez, desconhecida pelo próprio homem ocidental, devido a sua educação, engajada em se fazer crer um fraco, pecador, e crente no além-mundo(Nietzsche). Logo, se Deus é todo poderoso, então o homem é todo poderoso. Em Nietzsche, se Deus está morto, então toda vontade de poder advém, não das alturas intraduzíveis do inefável, mas do próprio homem como criador de sua vida. A um e outro, a descoberta de si em Deus ou o advento da morte de Deus, introduzem no homem a coragem para o agir e ser.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada**. Tradução dos originais grego, hebraico e aramaico mediante a versão dos Monges Beneditinos de Maredsous (Bélgica). São Paulo: Editora Ave-Maria, 2013.

BÍBLIA. Português. **Nova Bíblia Pastoral**. Tradução de Frizzo, Scardelai, Kaefer, Prado, Bazaglia e Vasconcellos. São Paulo: Editora Paulus, 2014

FEUERBACH, Ludwig. **A essência do cristianismo**. Petrópolis: Vozes, 2007.

FEUERBACH, Ludwig. **Preleções sobre a essência da religião**. Campinas: Papirus, 1989.

FEUERBACH, Ludwig. **Princípios da Filosofia do Futuro**. Lisboa: edições 70, 2002.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **A Gaia Ciência**. Companhia das Letras, 2001.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Além do bem e do mal: Prelúdio a uma filosofia do Futuro**. Editora Companhia das Letras, 2005.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Assim falou Zaratustra: um livro para todos e para ninguém**. Editora Companhia das Letras, 2011.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Aurora: reflexões sobre os preconceitos morais**. Editora Companhia das Letras, 2004.

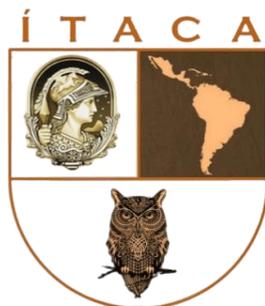
NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Crepúsculo dos ídolos ou como filosofar com o martelo**. Editora Companhia das Letras, 2006.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Ecce homo: como alguém se torna o que é**. Companhia das Letras, 2004.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Genealogia da Moral: uma polêmica**. Tradução, notas e posfácio: Paulo César de Souza. São Paulo, Companhia de bolso, 2008.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **O anticristo e ditirambos de Dionísio**. Editora Companhia das Letras, 2007.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **O nascimento da tragédia no espírito da música**. São Paulo: Abril, 1978.



NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm; DE SOUZA, Paulo César. **A Gaia Ciência**. Editora Companhia das Letras, 2017.